

Apoio Psicossocial de Base Comunitária em Emergências

Sumário da página da web

<http://psychosocial.actalliance.org>



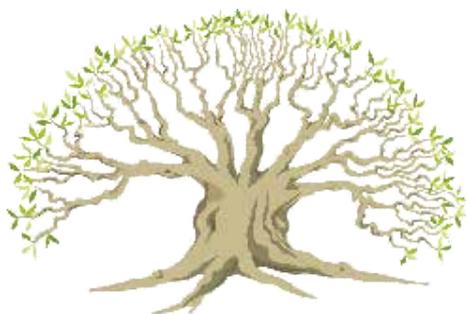
Apoio Psicossocial de Base Comunitária em Emergências

1. Introdução

Qualquer resposta em emergência deve ser detida, controlada e guiada pela população afetada. Deve fazer uso das estruturas de apoio existentes na família, comunidade e nos níveis local, nacional e internacional. A população afetada deve ser envolvida já na fase inicial da resposta à emergência, na maior medida do possível tanto na avaliação, concepção, implementação e monitoramento em qualquer ação de auxílio.

Conflitos armados e desastres naturais podem causar sofrimentos psicossociais e sociais significativos. Os impactos psicológicos e sociais nas emergências são normalmente profundos a curto prazo, mas podem também minar a saúde mental e o bem-estar da população afetada a longo prazo. Suprir estas necessidades é tão importante quanto satisfazer as necessidades óbvias de água, alimento, assistência médica, abrigo e vestuário.

Os objetivos do apoio psicossocial de base comunitária incluem: ajudar a população afetada a atingir uma vida estável e integrada e recuperar a esperança, dignidade, bem-estar mental e social e um senso de normalidade.¹



2. “Psicossocial” quer dizer...?

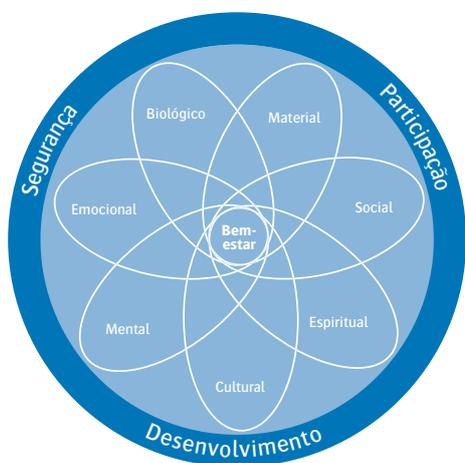
O termo psicossocial salienta a relação estreita entre os efeitos psicológicos e sociais em uma emergência. Os psicológicos referem-se às experiências que afetam as emoções, comportamento, pensamentos, memória e aprendizado, assim como a situação é percebida e entendida. Os efeitos sociais descrevem como a experiência de uma emergência altera as relações entre as pessoas. Emergências podem criar uma vasta gama de problemas a níveis individual, familiar, comunitário e social. A cada nível as emergências desgastam as estruturas normais de apoio, aumentam o risco de vários problemas e tendem a ampliar questões pré-existentes de justiça social e desigualdade.

1 Referência: <http://psychosocial.actalliance.org/>

3. O bem-estar psicossocial

Como nos sentimos internamente afeta como nos relacionamos ao ambiente à nossa volta. Similarmente, nossas tradições, costumes e a comunidade afetam como nos sentimos. Os círculos em sobreposição (veja figura abaixo) sugerem que o bem-estar individual e coletivo dependem dos acontecimentos em várias áreas, que o encontro mesmo que mínimo nas necessidades de cada área é necessário, e que estas áreas estão interrelacionadas em alguma extensão.

O objetivo da resposta do trabalho humanitário pela perspectiva psicossocial é prover um ambiente que permita às pessoas e comunidades a se recuperarem após um evento traumático. Isto só terá sucesso se todas as áreas do bem-estar forem atendidas. Um ambiente favorável à cura só será construído se a perspectiva psicossocial for integrada a todas as fases da resposta humanitária, para que os voluntários de diferentes setores (como os engenheiros hidráulicos) estejam cientes de que também contribuem para o bem-estar de uma pessoa afetada.



Segurança: é relacionada à segurança física e receio de sofrer dano – necessidade de proteção.

Participação: é relacionada ao grau em que os membros de uma população afetada tenham um desempenho ativo para manter sua própria segurança, bem-estar e desenvolvimento. Deve-se enfatizar a formação das próprias capacidades, ao invés de prover assistência em uma só direção.

Desenvolvimento: refere-se aos processos tanto a nível individual como comunitário. No comunitário o desenvolvimento se refere à sustentabilidade socioeconômica. Para os indivíduos o desenvolvimento representa que os sete elementos do bem-estar mudam com o tempo: eles não são estáticos.²

Com o tempo, membros de uma comunidade podem se tornar dependentes de auxílio ao serem tratados como pessoas inaptas. Papéis familiares e relações são minados e os comunitários distorcidos. Autorrespeito, autoestima e resiliência são danificados ou destruídos, afetando o bem-estar dos indivíduos e da comunidade. O bem-estar é composto dos elementos das diferentes áreas mostradas acima. Poucos atingem uma completa sensação de bem-estar – a perfeição é inatingível e raramente nossas necessidades são supridas. É da natureza humana querer mais e nos pressionamos de alguma forma, entretanto, a maioria atinge um equilíbrio de contentamento e uma sensação de bem-estar positiva.

2 Williamson, John & Robinson, Malia., (2006) 'Psychosocial interventions, or integrated programming for well-being'. Intervention: The International Journal of Mental Health, Psychosocial Work and Counselling in Areas of Armed Conflict. Vol: 4 (1), pp4 - 25: <http://www.interventionjournal.com/index3.html>

4. de Base Comunitária

Uma comunidade proporciona um alicerce psicológico para um indivíduo. A comunidade é o ‘espaço’ onde os indivíduos vivem, trabalham e recebem assistência médica e outros serviços. Deveria ser um lugar onde os indivíduos se sintam seguros.

O alicerce de todo o trabalho psicossocial de base comunitária é a convicção na capacidade de recuperação e resiliência da comunidade afetada. O desafio do trabalhador psicossocial é ajudar as pessoas afetadas e facilitar seus esforços para recuperar uma comunidade funcional fortalecendo seus pontos fortes. Este trabalho precisa ser sensível a diversidade de gênero e idade, atendendo as necessidades de todos os grupos: mulheres, homens, meninos e meninas.

Quando uma comunidade é confrontada com um desastre, precisamos ouvir e ficar atentos ao que os membros/habitantes têm a nos dizer. Aprendemos por experiência que a maioria das pessoas afetadas vai recuperar a habilidade de funcionamento no seu dia-a-dia assim que suas famílias e a comunidade estiverem estáveis e funcionando normalmente. Quando as escolas estiverem abertas para os meninos e meninas, e os mercados fornecerem alimento, o processo de cura se inicia. Os pais discutem suas preocupações em relação à escola, as crianças se tornam menos sintomáticas, as informações circulam, a dor é compartilhada e os padrões de comportamento esperados começam a surgir.

5. Participação

Participação é uma forma de fortalecimento, que facilita imensamente o processo de recuperação do indivíduo. Uma pessoa que participa dos esforços de recuperação, fica mais confiante e esperançosa e também mais ativa na reconstrução de sua própria vida e da comunidade.

Na maioria dos cenários de emergência, um número significativo de pessoas é resiliente o suficiente para participar nos esforços de alívio e reconstrução. Apoios mental e psicossocial são usualmente oferecidos dentro da comunidade afetada, e não por agências externas.

Comunidades afetadas incluem tanto populações desalojadas/deslocadas como as que se tornam anfitriãs. Estes grupos podem competir entre si. Facilitar a participação comunitária genuína requer o entendimento das estruturas das forças locais e padrões dos conflitos comunitários. É importante trabalhar com diferentes subgrupos e evitar atribuir privilégios a grupos particulares.

6. Abordagem baseada nos direitos

Existem duas formas de abordagens para auxiliar pessoas em necessidade: uma baseada nos direitos e outra nas necessidades. A abordagem baseada nos direitos começa de um critério diferente, sendo que os direitos dos indivíduos de uma população devem orientar os esforços de apoio. A abordagem tradicional, com base nas necessidades, procura resolver os problemas a nível prático e não envolve os beneficiários, não levando em consideração a obrigação moral ou legal do Estado e/ou outros órgãos estatutários de proteger ou atender. Enquanto muitos direitos desenvolvem-se a partir das necessidades, uma abordagem baseada nos direitos soma obrigações legais, morais e responsabilização.

Na abordagem baseada nos direitos, indivíduos e grupos são encorajados a reclamá-los; este é o verdadeiro significado do fortalecimento das capacidades. Os indivíduos não são vistos como vítimas ou objetos de caridade (como ocorre frequentemente na abordagem baseada nas necessidades), mas antes como pessoas reivindicando seus direitos legais. O conceito usa a lei internacional dos direitos humanos para analisar as desigualdades e injustiças e procura fortalecer a capacidade dos titulares dos direitos para reivindicar, e aos detentores das obrigações de atendê-los. Estes são encontrados em todos os setores da sociedade, incluindo a família e a comunidade, e a nível nacional e internacional. Enfrentando com frequência a desigualdade e a discriminação, a participação e fortalecimento das mulheres e meninas são cruciais para que melhorias se tornem reais e sustentáveis

Entretanto, uma abordagem baseada nos direitos não ocorre facilmente. Impor os direitos humanos esperando que culturas e comunidades adotem os direitos 'universais', pode criar tensões entre as agências de ajuda comunitária e comunidades. Estas podem ser bem difíceis de resolver e podem levar as comunidades a tornarem-se reticentes em relação às organizações, porque passam a considerar que estamos prejudicando as tradições e valores locais.

7. Triângulo de intervenção do apoio psicossocial

O bem-estar de todas as pessoas deve ser protegido através do (re) estabelecimento da segurança, governança adequada e serviços que atendem as necessidades físicas básicas (alimento, abrigo, água, assistência médica básica, controle de doenças transmissíveis). Na maioria das emergências, especialistas fornecem o atendimento básico nos setores como os de alimentos, saúde e abrigo.



Uma resposta psicossocial para a necessidade de serviços básicos e segurança (veja a primeira camada acima) pode incluir: defender que estes serviços sejam efetuados por atores responsáveis e influenciar agentes humanitários a disponibilizá-los para promover o bem-estar psicossocial.

A segunda camada representa o apoio necessário a um número menor de pessoas que são capazes de manter seu bem-estar psicossocial se receberem ajuda para acessar o apoio da comunidade e da família. Na maioria das emergências, existem interrupções familiares significativas e de redes comunitárias devido à perda, deslocamento, separação familiar, temores comunitários e desconfiança. Respostas úteis nesta camada incluem a localização e reunificação de famílias, luto assistido e cerimônias de cura comunitárias, divulgação de métodos construtivos para se lidar com a situação, programas de apoio parental, atividades educacionais formais e informais, atividades de subsistência e de ativação de redes sociais, como grupos de mulheres e clubes de jovens.

A terceira camada representa os apoios necessários a um número ainda menor de pessoas que requerem intervenções ainda mais focalizadas individualmente, nas famílias ou em grupo, por trabalhadores treinados e supervisionados (mas que talvez não tenham tido anos de treinamento em assistência especializada). Por exemplo, sobreviventes de violência baseada em gênero podem precisar de uma mistura de apoio emocional e subsistência por parte de agentes comunitários. Esta camada inclui também os Primeiros Socorros Psicológicos e assistência mental básica pelos agentes de saúde nos cuidados primários.

A camada do topo da pirâmide representa o apoio adicional necessário a um pequeno percentual da população, cujo sofrimento, apesar dos apoios já mencionados, é intolerável, e para quem possa ter dificuldades significativas no funcionamento diário. Esta assistência deve incluir apoio psicológico ou psiquiátrico para pessoas com transtornos mentais graves, quando suas necessidades excederem as capacidades dos serviços primários/gerais de saúde existentes. Embora serviços especializados sejam necessários apenas para um pequeno percentual da população, em emergências maiores estes grupos equivalem a milhares de indivíduos.³

8. Princípios Orientadores da ACT e ABPC

Membros da Aliança ACT e de seu ecretariado (daqui por diante referido como 'ACT') têm um compromisso comum de proteger, sem discriminação, os direitos e a dignidade dos indivíduos com os quais trabalham durante as respostas a emergências e em situações difíceis ou estressantes de longa duração. Em 2010, a Aliança ACT fundou um Grupo de Trabalho de Apoio Psicossocial (GTAP) para promover e apoiar a necessidade de considerações sociais e psicológicas em todos os setores de trabalho da ACT. O GTAP desenvolveu princípios orientadores para auxiliar as equipes da ACT, os consultores e os voluntários que prestam apoio psicossocial de base comunitária em países ao redor do mundo. Estes princípios orientadores tem a intenção de servir como referência para as iniciativas de apoio psicossocial realizadas pelos membros da Aliança ACT. São baseados nos princípios do respeito ao ser humano e seus direitos, igualdade de gênero, entendimento e capacitação.

3 Referência: http://www.who.int/hac/network/interagency/news/iasc_guidelines_mental_health_psychosocial.pdf

Princípios Orientadores para Apoio Psicossocial de Base Comunitária da ACT

Princípio 1: Promover os direitos básicos e a dignidade das mulheres, homens, meninas e meninos, sem discriminação, para o bem-estar geral, evitando angústia, medo e dor desnecessários (ex. físico, emocional e espiritual)

Princípio 2: Incluir considerações sociais e psicológicas em todos os setores de atuação da ACT (ex. água e saneamento, subsistência, abrigo, saúde e segurança)

Princípio 3: Construir sobre as estratégias de autoajuda comunitárias, promovendo a apropriação e o controle, por parte da comunidade, sobre os recursos, usando processos participativos de comprometimento e de tomada de decisões

Princípio 4: Promover o retorno do funcionamento otimizado das comunidades afetadas e indivíduos através de seus envolvimento em atividades sociais e encontros nas estruturas locais como escolas, centros comunitários, igrejas, mesquitas e organizações locais

Princípio 5: Reconhecer e encorajar a comunidade a acreditar em sua própria capacidade de mudança e garantir seu bem-estar geral, utilizando seus próprios recursos

Princípio 6: Promover práticas positivas de curas comunitárias, enfatizando as estruturas de apoio familiares e comunitárias para atender necessidades individuais e coletivas.

Princípio 7: Atender as necessidades espirituais das pessoas para manter a boa saúde mental e o sentimento de pertença e conexão.

Princípio 8: Salientar a resiliência e a esperança da comunidade por sua recuperação e sustentabilidade a longo prazo, nutrindo sua capacidade de crescimento

9. Introdução Básica aos Temas

Os “Temas” listados a seguir, constituem a base do ABPC e estão relacionados por ordem de importância. Os temas selecionados são importantes campos de conhecimento para qualquer pessoa ou organização que trabalha em uma emergência.



a. Código de conduta

Durante emergências, muitas pessoas dependem da ajuda humanitária para atingirem suas necessidades básicas. Esta dependência, juntamente com os sistemas de proteção afetados (como as redes familiares), contribuem a um desequilíbrio de poder entre os que fornecem serviços e os que recebem. Para reduzir o dano, todos os trabalhadores humanitários precisam aderir aos princípios humanitários internacionais e aos padrões de conduta.

Ajudando as organizações a se comunicarem mais claramente com suas equipes sobre regras e responsabilidades, os Códigos de Conduta vão ajudar os grupos de auxílio a melhorar sua gestão e treinamento. Estes códigos devem instruir o recrutamento e as atividades de todas as equipes humanitárias. Um bom planejamento, juntamente com a adesão aos valores humanitários, pode ajudar a prevenir o mau uso de poder. O mais comum – apesar de não ser o único – é quando um trabalhador humanitário exige favores sexuais em troca de benefícios do auxílio.

Os Códigos de Conduta são comumente recebidos pelos trabalhadores humanitários como imposições de seus superiores. Entretanto, os Códigos deveriam também ser vistos pela perspectiva daqueles a quem estamos tentando proteger – a população afetada. As comunidades têm opiniões e seus próprios princípios orientadores sobre os Códigos de Conduta, e deveriam ser encorajadas a entender as regras que orientam nosso trabalho e as motivações por trás dele.

O trabalho humanitário está profundamente enraizado às realidades políticas, econômicas e sociais em muitas sociedades. Organizações não deveriam buscar parcerias com organizações locais ou internacionais que não aderirem ao Código de Conduta da Cruz Vermelha Internacional e do Movimento do Crescente Vermelho e ONGs no Alívio ao Desastre.

Os Códigos de Conduta sobre “performance” e sobre “exploração sexual” governam todo o trabalho executado por qualquer um que atue em uma organização membro da Aliança ACT – quer sejam equipes nacionais ou internacionais, estagiários, voluntários ou consultores.

Os Códigos incorporam não só valores humanitários internacionais, mas também regras legais que regem o trabalho humanitário internacional. Estas regras não são negociáveis, e não devem ser ajustadas com base nos costumes locais. É claro que a existência de regras no papel não previne por si só o abuso ou a exploração. Portanto, todas as equipes humanitárias devem ser instruídas sobre as normas – e a importância de cumpri-las.

O Código de Conduta para todos os membros da ACT

- 1.** Respeitar e promover os direitos humanos fundamentais sem discriminação de qualquer espécie independente de status social, raça, etnia, cor, religião, gênero, orientação sexual, idade, estado civil, nacionalidade, filiação política ou deficiência.
- 2.** Trate a todos os refugiados, deslocados, beneficiários, comunidades afetadas, grupos alvo e outras pessoas com justiça e respeito, cortesia, dignidade e de acordo com a respectiva leis nacionais e internacionais (humanitárias, direitos humanos e refugiados) e costumes locais.
- 3.** Crie e mantenha um ambiente que previna a exploração sexual, abuso de poder e corrupção e promova a implementação do Código de Conduta. Gestores em todos níveis precisam apoiar e desenvolver sistemas que mantenham este ambiente.
- 4.** Preserve os mais altos padrões de responsabilidade, eficiência, competência, integridade, e transparência no fornecimento de bens e serviços.

<p>5. Nunca cometa nenhuma forma de assédio que poderia resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a indivíduos, especialmente mulheres e crianças.</p>
<p>6. Nunca explorar a vulnerabilidade de nenhum grupo alvo, especialmente mulheres e crianças, ou permitir que qualquer pessoa seja colocada em situação comprometedora.</p>
<p>7. Nunca se envolver em qualquer atividade sexual com pessoas menores de 18 anos, independente da lei local sobre a idade da maioridade ou de consentimento. Acreditar erroneamente na idade da criança não é defesa.</p>
<p>8. Nunca se envolver com exploração sexual ou abuso de nenhum grupo alvo (homens, mulheres, meninas e meninos). Isto constitui em falta grave de conduta e base para rescisão imediata.</p>
<p>9. Nunca trocar dinheiro, emprego, bens ou serviços por sexo, incluindo favores sexuais. Todas as formas de comportamento negativas como humilhar, degradar ou explorar são proibidas. Isto inclui trocas por assistências que são devidas aos beneficiários.</p>
<p>10. Nunca abusar de sua posição para reter assistência humanitária, dar tratamento preferencial ou solicitar favores sexuais, presentes, pagamentos de qualquer ordem ou vantagens. O empregado deve conscientemente evitar tirar vantagem de sua posição e não deve aceitar presentes (a não ser uma pequena lembrança de gratidão) ou subornos.</p>
<p>11. Não se envolver em relacionamentos sexuais com beneficiários. Este tipo de relacionamento é fortemente desencorajado, uma vez que é baseado em dinâmicas inerentes de poder desigual. Este tipo de relacionamento mina a credibilidade e a integridade no trabalho de auxílio humanitário. Isto se aplica tanto durante como após o horário de trabalho.</p>
<p>12. Empregados não devem aceitar, solicitar ou lucrar por serviços sexuais. Esta regra se aplica tanto durante como fora do horário de trabalho.</p>
<p>13. Garantir que toda informação confidencial, incluindo denúncias de violações destas normas por colegas, obtidas por beneficiários ou colegas, seja tratada de forma correta e com o máximo sigilo.</p>
<p>14. Garantir que denúncias de violações destas normas sejam imediatamente fornecidas à direção ou ao administrador dos recursos humanos (ou através de outros mecanismos de denúncia estabelecidos). É esperado de quem receber estas denúncias, investigar imediatamente.</p>
<p>15. Qualquer violação ao Código de Conduta irá resultar em ação disciplinar de acordo com as respectivas condições e diretrizes das agências individuais.</p>
<p>16. Qualquer membro da equipe que propositadamente usar de falsas acusações contra outro membro da equipe estará sujeito a uma ação disciplinar a critério do empregador.</p>



b. Avaliação

Uma avaliação é um processo de coleta de informações. Deverá facilitar a apreciação da comunidade em suas necessidades, desejos, problemas, recursos e valores após um desastre ou conflito. Deverá também ajudar os membros da comunidade a entenderem sua situação para que possam tomar decisões informativas a curto prazo e no futuro.

A própria natureza das avaliações participativas exige que a comunidade afetada seja colocada no centro do trabalho da resposta humanitária. Promover soluções de base comunitária para os problemas da comunidade assegura a concepção de programas humanitários efetivos.

Entretanto, as comunidades não devem ser vistas como grupos homogêneos, onde as pessoas dividem os mesmos valores, necessidades e prioridades. Normalmente os membros dominantes de qualquer comunidade tendem a falar em nome de todos, que podem estar sendo marginalizados ou rejeitados em discussões em grupo. Quando estiver efetuando avaliações, é importante procurar e ouvir as opiniões dos marginalizados e dos membros mais vulneráveis de uma comunidade.

Em emergências baseadas em conflitos, algumas comunidades podem ser influenciadas ou forçadas a propagar opiniões de um grupo de milícia rebelde, que pode estar fazendo ameaças e procurando provisões para uso próprio. Nestas circunstâncias pode-se levar tempo para identificar membros legítimos na comunidade e suas necessidades. Acompanhamento das avaliações e monitoramento da resposta de alívio são de vital importância em emergências baseadas em conflito.

Uma avaliação revisada regularmente e que inclui membros da comunidade afetada, é a abordagem mais efetiva. Existem dois tipos de avaliações: rápida (realizada nos primeiros 7 dias da emergência) e detalhada (em 2-4 semanas da emergência). Os resultados das avaliações devem ser partilhados com outras agências e organizações que estão trabalhando na mesma área. O Escritório das Nações Unidas de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) é responsável pela conferência e disseminação dos dados. Entretanto, deve-se observar que dados sensíveis, assim como os detalhes de abusos dos direitos humanos individuais e casos de violência sexual e baseada em gênero, somente devem ser partilhados com organizações se os nomes dos sobreviventes permanecerem anônimos.



c. Reações a eventos traumáticos

Quando ocorre uma catástrofe, os efeitos mais óbvios são os físicos. Muitas vezes as pessoas estão gravemente feridas e a infraestrutura e serviços básicos precisam ser restaurados. Mas para os indivíduos e a comunidade, o impacto emocional a um evento traumático é profundo. Todos respondem de alguma forma a eventos estressantes. É saudável responder. Algumas pessoas são ativas, se organizam, tiram pessoas do perigo e asseguram a alimentação de todos. Outras se tornam muito caladas. Algumas se voltam a sua fé e outras se voltam contra. A maioria das pessoas vai se recuperar quando sua vida diária

retornar ao normal, com o apoio de suas famílias e da comunidade. Este apoio – de grupos religiosos, grupos étnicos, amigos, vizinhos, grupos culturais – é muito importante. Um pequeno percentual de pessoas precisa de apoio extra de profissionais treinados. O primeiro socorro psicológico é um conceito e medida usados ao responder às necessidades imediatas das pessoas após um evento repentino e avassalador.

O trauma pode ser físico, como uma ferida, ou emocional, como sofrer com a perda de alguém ou temer um grave perigo. É uma situação que ultrapassa as experiências comuns, ameaçando a integridade física ou psicológica. As consequências do trauma podem incluir: falta de amor-próprio e respeito, falta de confiança nos outros e falta de continuidade.

Experiências traumáticas podem causar reações dolorosas. As pessoas estão sempre alertas para a próxima onda, tremor ou explosão (hipervigilância). Podem se sentir indefesas ou impotentes, ou até desorientadas. As pessoas evitam lembranças, mas o trauma continua a invadir seus pensamentos (flashbacks). As emoções são intensas e às vezes avassaladoras.

As pessoas são maior recurso em qualquer organização, mas não são imunes aos efeitos de um evento traumático. Infelizmente, muitos agentes humanitários sofrem os sintomas de traumas secundários, como resultado de trabalharem por muito tempo no campo, apoiando sobreviventes sem pausa. Por isso, é importante saber como minimizar o estresse colocado no pessoal que trabalha em ambientes de emergência. Falhar no apoio apropriado afeta não só os membros de nossas próprias equipes, mas também aqueles a quem estamos tentando ajudar.

Coordenação e cooperação entre atores no local, membros das comunidades, agências e organizações humanitárias são necessários para ajudar a comunidade a se reconstruir após um evento traumático. Programas e projetos devem tentar integrar a abordagem psicossocial em todos os aspectos da resposta humanitária, para que o ambiente facilite a cura.



d. Mobilização comunitária

Mobilização comunitária é um processo no qual os trabalhadores de auxílio e organizações trabalham juntos com a comunidade para atender suas necessidades. Esforços deste tipo podem ser iniciados pelos membros da comunidade local ou por grupos externos, mas em qualquer caso, os objetivos são apoiar e fortalecer os recursos disponíveis dentro da comunidade para encorajar a posse e a sustentabilidade após a partida das organizações de auxílio.

Incluir a comunidade afetada como participante ativa e disposta no processo é uma parte central de uma mobilização comunitária. É uma parceria entre aqueles que estão afetados e aos que respondem à emergência. As comunidades afetadas precisam estar no controle de sua recuperação. Quando elas obtiverem o domínio e a responsabilidade pelos programas, estarão melhor preparadas para sustentar as mudanças além do período de recuperação.

A meta da mobilização comunitária é assistir a comunidade afetada para que ela volte a andar com suas próprias pernas. Isto quer dizer trabalhar lado a lado até que a comunidade afetada esteja apta a voltar à

normalidade (ou ao 'novo normal') e a ter um funcionamento independente.

Existem inúmeros benefícios com a mobilização comunitária. Talvez o mais importante deles seja de que há uma resposta melhor às necessidades e preocupações da comunidade quando ela está ativamente envolvida. A comunidade afetada sabe o que é necessário, e como fazê-lo. Elas conhecem a cultura e são conhecidas pelo povo local. Quando participam na identificação de problemas, planejamento dos programas e tomada de decisões, vai elevar o sentimento de posse e a responsabilidade por estes. A parceria comunitária resulta em soluções culturalmente mais apropriadas e aceitáveis; assim, a mudança e sustentabilidade são mais prováveis. A mobilização comunitária aumenta o acesso à informação e aos serviços. A relação entre o custo e o benefício também é maior quando recursos externos e locais são coordenados e cooperativos.

A mobilização comunitária enfrenta vários desafios. Talvez um dos maiores seja dividir o controle. No mundo globalizado de hoje, o fluxo de informação é rápido e fácil. Enquanto isto permite uma resposta mais efetiva, também quer dizer que existem mais indivíduos, agências e organizações a serem coordenadas. Para que as comunidades realmente se mobilizem, todas as organizações devem colaborar e coordenar seus serviços e programas.

A comunicação também é um desafio em emergências. O serviço telefônico muitas vezes está indisponível, e quando pessoas são desalojadas, o uso de seus telefones residenciais é interrompido.

Outro desafio da mobilização comunitária é o tempo. Quando várias organizações dividem o controle, pode levar mais tempo para se alcançar os objetivos. O custo está estreitamente relacionado ao tempo. Quanto mais tempo, maior o custo. A coordenação dos esforços pode prevenir sua duplicação e ser economicamente mais eficaz.

A capacidade da comunidade afetada em participar no esforço de mobilização também pode ser um desafio. As pessoas podem estar fisicamente, emocionalmente e mentalmente debilitadas ou fatigadas.

Dependendo da emergência, a segurança pode ser um desafio. Pode se tornar necessário garantir um ambiente seguro antes que qualquer projeto possa ocorrer.

Restrições culturais são outra área a ser considerada como uma possível barreira. Mulheres e homens podem ser impedidos de se encontrarem ou talvez seja inapropriado para qualquer outro a não ser um líder comunitário a se envolver na tomada de decisões.

É importante estar ciente dos pontos fortes e fraquezas em relação ao idioma e a alfabetização da comunidade. Se alguém não falar o idioma comum, ou não saber ler, pode se sentir intimidado por grupos maiores.

Adicionalmente pode haver mal-entendidos sobre quem é convidado a participar e também se o foco deverá estar nas necessidades dos indivíduos ou da comunidade.



e. Gênero

Guerras, desastres naturais e outras emergências afetam mulheres, meninas, meninos e homens de formas profundamente diferentes. Membros de cada grupo enfrentam riscos diferentes e deste modo são vitimados de diversas maneiras, necessitando de intervenções específicas para atender as várias necessidades de todos os grupos. O termo ‘gênero’ se refere às diferenças sociais entre mulheres e homens que são aprendidos durante a vida. Os papéis de gênero variam extensamente dentro e entre as culturas, e dependem particularmente dos contextos social, econômico e político. Para criar uma intervenção realmente inclusiva e humanitária benéfica, todas as pessoas precisam ser levadas em consideração.

No esforço para resistir a violência, sobreviver e apoiar seus dependentes, mulheres e homens respondem diferentemente durante um desastre. Os papéis de gênero nunca são estáticos, mesmo em ‘circunstâncias normais’, mudam com o passar do tempo. Em muitas culturas, mulheres são tidas como cuidadoras e se espera que assumam um papel mais passivo na hora de tomar decisões, prover sustento, na política e na religião. Homens ao contrário, são vistos como guerreiros, provedores, tomadores de decisões e estão mais envolvidos como ministros e políticos. Sob uma luz mais negativa, os homens são muitas vezes vistos como perpetradores de violência e as mulheres como vítimas passivas ou sobreviventes.

Em situações de crise, os papéis de gênero podem sofrer mudanças rápidas. Alguns homens lutam ao lidar com mudanças de identidade, perda de status como provedores e protetores da família. Como resultado, eles podem agir guiados por suas frustrações e ressentimentos pela violência direcionada contra suas esposas, parceiras ou crianças. Em um campo de refugiados ou deslocados/desalojados, as tensões entre a troca dos papéis de gênero podem aumentar o potencial da violência baseada no gênero, particularmente na fase da consolidação de uma emergência. O impacto deste comportamento é geracional; crianças expostas a isto podem crescer tentando seguir este modelo.

Durante uma crise, é importante que as agências de ajuda humanitária sejam sensíveis a estas expectativas baseadas no gênero. Quando os papéis mudam de uma maneira estranha ou inaceitável em certas culturas, os indivíduos geralmente respondem de forma negativa. É fácil os homens e mulheres perderem sua dignidade e autoestima quando não são mais capazes de contribuir para a sociedade da forma em que estavam acostumados. Esta é uma hora em que as agências e organizações devem intervir para ajudar estas pessoas a se fortalecerem para que recuperem sua dignidade e tenham acesso aos direitos humanos, através de iniciativas de capacitação.

Para melhorar a coordenação no âmbito de gênero durante as emergências, redes formadas por gênero devem ser estabelecidas em níveis locais e nacionais, com representantes de todos os grupos e setores (por exemplo, saúde, segurança alimentar e nutrição, água, saneamento, subsistência, etc.). Este grupo deve ser dirigido por uma agência com grande experiência em lidar na questão de gênero. Dividir este arranjo também é uma boa opção. O propósito principal desta rede é facilitar o diálogo, certificando-se de que as pessoas estão informadas das questões chave e desenvolvimentos em termos da troca de papéis, necessidades e condições das mulheres, homens, meninos, meninas e idosos de uma comunidade afetada.



f. Perspectiva de vida útil – a idade importa

As pessoas nascem antes (ou durante!) a emergência, e a maioria quer viver após o seu término. As circunstâncias de nossas vidas influenciam nossas experiências ao passar por uma emergência – e seu impacto na nossa vida futura. Por exemplo, uma criança nascida em um campo de refugiados vai ter uma memória bem diferente da emergência do que a mãe que foi estuprada antes de sua ocorrência. Os efeitos negativos do desastre são óbvios, assim como a perda de membros da família e a destruição de lares e negócios. Mas podem ter impactos positivos também. Uma família que viveu por longo tempo na pobreza, pode ter novas chances de uma vida melhor após a chegada de recursos. Para um indivíduo, os efeitos a longo prazo são moderados em sua maioria pelo apoio de sua família e comunidade. Através destas redes sociais, pessoas podem tanto dar como receber apoio, o que contribui para a cura e restauração de uma vida funcional. É preciso apoiar estas redes sociais restauradoras. Uma das qualidades mais importantes que alguém aprende após uma emergência é a resiliência – uma habilidade vital para se recuperar de uma emergência em andamento e também lidar com futuros desafios.

Famílias, vizinhos e comunidades incluem pessoas de todas as idades. Pais, bebês, idosos, adolescentes e avós fazem parte da rede de relacionamentos encontrada em uma comunidade. Esta diversidade de idades, interesses, habilidades e relacionamentos, fornecem um rico conjunto de ferramentas. Um vizinho mais velho pode saber o que fazer quando ratos invadem a casa – enquanto uma criança pequena tem a energia suficiente para correr até a loja a pedido da avó para adquirir os itens necessários para expulsá-los. Em qualquer comunidade, pessoas têm uma variedade de relacionamentos que as unem. Podem ser membros da mesma família, colegas de classe ou trabalho ou apenas amigos. Quando ocorre um desastre, a rede de apoio fornecida por estes relacionamentos é interrompida. O mais recorrente em uma situação de emergência é o deslocamento ou desalojamento.

O apoio psicossocial deve ser ajustado às circunstâncias. Para famílias com crianças, a perda pode representar que o outro genitor precisa conseguir um emprego e contar com assistência infantil. Para famílias com crianças mais velhas, a perda de rendimento pode dificultar o pagamento da escola, limitar a recreação ou requerer trabalho pós-escolar para os adolescentes. A melhor forma de ajudar a família é usar seus próprios recursos mais efetivamente em sua situação particular. As famílias têm a responsabilidade de sustentar todos os seus membros, mas também precisam de apoio durante os períodos de estresse.



g. Trabalhando junto com outra comunidade

Todos os agentes que prestam auxílio precisam estar mais sintonizados ao trabalhar em outra comunidade e cultura, tanto estrangeiros quanto membros de equipe que trabalha em seu país de origem. Costumes sociais e formas de comunicação podem variar dentro de sociedades e através de comunidades de um mesmo país. A equipe local e voluntários devem estar bem familiarizados com as culturas e tradições

locais, mas ainda podem haver grandes diferenças socioculturais, como aquelas entre as populações urbanas e rurais e entre grupos étnicos.

Comunicação respeitosa e ouvir atentamente é vital ao trabalhar juntamente com parceiros, sejam locais ou internacionais, e com sociedades as quais procuramos apoiar. Como na vida social, sendo uma visita – neste caso, em outra comunidade – exige-se um comportamento mais adequado do que é pedido em casa. Habilidades de relacionamento também são instrumentos essenciais para facilitar a assistência psicossocial. Para o trabalho de auxílio ter sucesso e merecer o respeito da comunidade local, temos que aprender e nos adaptar aos costumes locais.

A única exceção é quando práticas culturais locais violam os direitos humanos.

Uma boa maneira de aprender sobre as pessoas de outra cultura, é usando seus colegas locais como intérpretes culturais. Estrangeiros podem não estar cientes das armadilhas culturais dentro de uma comunidade e os intérpretes são de uma ajuda inestimável. Esteja atento às relações de gênero. Tente fortalecer as boas tradições. Quando perceber alguma atitude discriminatória, deve realçá-la – e ajudar a comunidade a se engajar em reflexões críticas. Isto é um processo que leva tempo.

Não assumam que só porque uma sociedade tem um costume, quer dizer que todos o apoiem. Este cuidado se aplica especialmente aos grupos marginalizados e vulneráveis. Silêncio não é sempre uma forma de aceitação.

Em algumas comunidades pode ser difícil para as mulheres participarem de projetos, quando o costume dita que elas devem estar acompanhadas de um parente masculino. Tente ir ao encontro delas e, o mais importante, de suas famílias. Use de mediação para explicar porque você valoriza a participação das mulheres e o tipo de trabalho que elas podem fazer.

As delimitações são os limites do território, espaço ou responsabilidade de uma pessoa. Em emergências, pessoas bem-intencionadas às vezes invadem as responsabilidades ou espaço de outros, em um desejo genuíno de serem úteis. Isto pode trazer consequências infelizes, incluindo raiva e oposição das próprias pessoas a quem estamos tentando ajudar. Respeite a dignidade das pessoas locais, sempre deixando que falem primeiro. Use uma linguagem clara e palavras curtas para assegurar o entendimento. Tente não os constranger usando termos técnicos ou jargões. E lembre-se sempre de ‘não causar dano’.



h. Conflito

O conflito é uma parte inevitável dos relacionamentos humanos. Dependendo de como é abordado e gerenciado, pode ser tanto construtivo como destrutivo. Conflitos ocorrem diariamente, às vezes em pequenas disputas, em outras, em batalhas violentas. Quando agentes humanitários atendem emergências graves, nos encontramos trabalhando com pessoas de outros lugares. Duas pessoas podem falar a mesma língua, mas quando surge uma discórdia, uma pode descobrir que a outra vê a mesma situação de forma muito diferente. Para se resolver um conflito, é preciso entender nosso próprio papel e de como somos vistos pelos outros. As formas mais comuns de solucionar um conflito são: negociação, mediação, conferência comunitária, transformação do conflito e mediação em pares. Qual a melhor abordagem vai depender da

natureza do conflito e das partes. Conflitos ocorrem por várias razões. A maioria se resolve sem ajuda externa. Em alguns casos no entanto, alguém de fora é chamado para ajudar atuando como facilitador ou mediador.

Conflitos sobre poder: O poder é exercido na tomada de decisões: quando uma comunidade deve receber este tipo de ajuda? O poder é exercido distribuindo recursos: quem deve receber quais materiais e em qual ordem? O poder não existe em um vácuo como um objeto ou quantidade. O poder vem de relacionamentos: de pais para filhos, do governo aos governados, de cidadão a outro cidadão, do latifundiário ao camponês, do administrador de empresa ao trabalhador. Nas emergências, aqueles que controlam os recursos de auxílio detêm um grande poder.

Conflitos entre instituições: Em emergências, agentes humanitários frequentemente se veem no meio a divergências entre diferentes organizações que trabalham na mesma área. Podem existir conflitos entre organizações não governamentais (ONGs), a ONU e o governo. Às vezes, existe uma competição para trabalhar no máximo de locais possíveis para levantar fundos para o seu trabalho.

Conflitos dentro do projeto: Aproximar as pessoas para formar uma equipe de projeto pode ser um desafio, mas é um processo extremamente benéfico. Pessoas na equipe podem divergir em suas experiências, educação, personalidade, estilos de trabalho, cultura e gênero. Em curto espaço de tempo, um conjunto de indivíduos precisa se tornar um grupo eficiente e capaz de cumprir tarefas complexas durante circunstância difíceis. Tenha em mente que os conflitos poderão surgir. São naturais nestas circunstâncias de alta tensão, e a grande maioria dos problemas pode ser solucionada se trabalhada em conjunto.

Conflito entre intervenientes: A mudança rápida no contexto de uma emergência frequentemente leva a frustrações, raiva, medo e desespero. As pessoas podem demonstrar abertamente emoções negativas, o que pode alimentar o conflito. Lutas abertas – até tumulto – podem ocorrer no local da distribuição de auxílio.

Geralmente a disputa acontece devido a percepção de uma declaração ou ação. Uma mensagem bem intencionada por exemplo, pode ser recebida de outro modo. Este tipo de conflito pode surgir facilmente entre uma comunidade afetada e uma organização presente no local para prestar auxílio.

Por esta razão, informar e envolver a comunidade no trabalho precisa ocorrer antes do início do projeto.

Conflitos causados por abuso ou exploração sexual: É uma realidade lamentável que poderosos às vezes exploram a vulnerabilidade das pessoas marginalizadas. Pessoas podem vir a oferecer favores sexuais ou outras formas de pagamento na esperança de receberem auxílio, apoio favorável, segurança ou proteção. Muitas vezes, o sobrevivente é pressionado a ficar calado sobre a injustiça cometida conta sí, pois o perpetrador é olhado como tendo mais poder, legitimidade e autoridade. Isto pode aumentar a possibilidade de que o sobrevivente venha a sofrer sintomas clínicos de angústia.

Conflitos domésticos: É muito comum e natural que as pessoas agridam aos que estão mais perto. Adultos brigam, pais discutem, pais podem bater nas crianças, crianças podem se tornar violentas e perturbadas, o sexo pode se tornar abusivo e palavras ásperas podem ser ditas e deixar feridas profundas. Pessoas que foram combatentes e estão retornando para a vida civil, muitas vezes têm dificuldades de deixar o poder – e as memórias de violência – para trás. Na maioria dos casos, as pessoas não querem realmente machucar as pessoas que amam. Simplesmente não percebem que existem mecanismos alternativos. Agentes humanitários devem ajudar as famílias e comunidades a encontrar alternativas não violentas para resolver os conflitos e, a um nível mínimo, empreender alguma forma de psicoeducação para ambas as partes.



i. Auxílio humanitário através de uma lente psicossocial

Bem-estar psicossocial depende de muitos aspectos da vida da pessoa. Para alcançar a felicidade e um senso de bem-estar, pessoas confiam na interação social; estimulação mental (pensamentos, idéias e um interesse em aprendizado); segurança física e crenças ideológicas (religião, espiritualidade). Suas necessidades materiais e biológicas precisam ser atendidas – alimento, água, abrigo, saneamento, saúde física e mental. Também precisam de estabilidade econômica – a habilidade de prover para sua própria família. A dificuldade em conseguir alimento, restrições em gerar renda ou falta de um abrigo apropriado ou espaço em um acampamento podem minar o bem-estar. Portanto, programações de apoio psicossocial de base comunitária precisam ter uma aproximação holística. Todas as áreas centrais da resposta humanitária acima mencionadas têm componentes psicossociais que prestam um importante papel em ajudar as pessoas a se curarem após um evento traumático e minimizar o impacto de quaisquer problemas relacionados ao auxílio humanitário.

Durante emergências, existe frequentemente uma lacuna entre a saúde mental, apoio psicossocial e assistência geral de saúde. A maneira de como a assistência de saúde é oferecida afeta com frequência o bem-estar social de pessoas que vivenciam emergência. O tratamento e o apoio de pessoas com transtornos mentais graves usualmente requerem uma combinação de intervenções biológicas, sociais e psicológicas. Tanto o subtratamento como a hipermedicação podem ser evitados através do treinamento e supervisão das equipes. Habitualmente, pessoas que sofrem de angústia subclínica induzida pelo desastre não devem receber medicação – eles vão responder bem aos primeiros socorros psicossociais e apoio social. Adicionalmente, alguns transtornos mentais podem ser tratados efetivamente apenas utilizando-se intervenções psicossociais práticas, e medicação não deve ser usada a não ser que as intervenções tenham falhado.

HIV e AIDS/SIDA: A corrente principal na prevenção contra o HIV e AIDS/SIDA é a adoção de políticas e procedimentos para reduzir a suscetibilidade à infecção por HIV e sua vulnerabilidade aos impactos. Existem dois tipos de correntes: a interna e a externa.

A corrente interna envolve em adotar políticas e práticas em nossas organizações e agências para limitar a vulnerabilidade de seus integrantes aos impactos do HIV.

Corrente externa significa adaptar as atividades e trabalhos de um programa para reduzir a suscetibilidade de indivíduos e comunidades à infecção por HIV.

Programas humanitários, de desenvolvimento e emergências podem inadvertidamente contribuir para a propagação de HIV, facilitando situações de insegurança e risco enquanto seguem objetivos bem intencionados. As correntes podem prevenir isto. Quando todos os setores da força de trabalho integrarem um programa de prevenção, poderá melhorar o impacto do nosso trabalho assim como ajudar a reduzir a carga do HIV e prevenir o contágio em organizações e comunidades as quais servimos.

A fim de realizar uma corrente de prevenção contra o HIV no trabalho humanitário, é essencial que tanto as equipes nacionais como as internacionais, parceiros e voluntários tenham o apoio, as habilidades e as atitudes necessárias para assim o fazerem. A seguir, identificamos algumas atividades chave para assegurar que todas as equipes estejam preparadas:

- Criar um código de conduta e assegurar que os membros da equipe estejam a par e sigam este código e outras políticas relacionadas.
- Treinar as equipes e organizações parceiras na conscientização e prevenção ao HIV, inclusive na avaliação de conhecimento e atitudes relacionadas ao HIV entre as equipes e voluntários, enfrentar questões como o estigma e a discriminação, providenciar informações da relação entre o

HIV e o trabalho humanitário e orientar sobre como manter a corrente principal de prevenção ao HIV.

Um aspecto importante na corrente de prevenção contra o HIV é a formação de relações com outros parceiros e organizações. Para organizações e ONGs, particularmente aquelas que são reticentes sobre a corrente, uma vez que não são peritas em HIV. Ligações com peritos podem ajudar a iniciar o processo da corrente principal provendo assistência através da capacitação e oferta de apoio.



j. Preparação ao desastre

A preparação para emergência ou desastre é um programa com atividades de longo prazo, cujos

objetivos são fortalecer a capacidade e aptidão em geral de um país ou de uma comunidade para lidar de forma eficiente com todos os tipos de emergência e efetuar uma transição ordenada do auxílio durante a recuperação até a volta de um desenvolvimento contínuo. A meta da preparação ao desastre é reduzir a perda de vidas e sofrimento e também minimizar os seus efeitos. Grandes esforços têm sido feitos para determinar como agências podem cooperar para proporcionar um auxílio efetivo aos que passaram por um desastre. Recentemente, o foco começou a incluir a preparação ao desastre. Ao invés de esperar a ocorrência de uma situação grave, as comunidades estão tentando descobrir o que podem fazer para preparar-se antecipadamente. As áreas de risco são as que mais necessitam os esforços de preparação.

A preparação para um desastre significa ter um plano de resposta e de recuperação em emergências. Envolve proteção à vida, à propriedade e ao meio-ambiente. O desenvolvimento de um plano de emergência deve levar em consideração planos existentes em outros níveis administrativos, planos que operam no mesmo nível, assim como planos desenvolvidos para perigos específicos. O processo de planejamento inclui vários estágios que podem ser aplicados em todos os níveis e setores:

- definição do projeto (alvos, objetivos e o escopo de um plano de emergência);
- grupo de planejamento (representantes dos setores, grupos étnicos, gênero);
- análise de dados (analisar os problemas, examinar as vulnerabilidades e riscos);
- análise de recursos (identificar recursos para implementar as estratégias);
- papéis e responsabilidades;
- administração dos programas;
- documentação.

A melhor forma de preparação para o desastre é desenvolver um apoio psicossocial adequado e de bom funcionamento dentro de cada comunidade. Empoderar a comunidade para que seja a primeira a responder fortalece sua capacidade de enfrentamento e resiliência. O planejamento da preparação

para o desastre deve incluir a participação de diferentes grupos da comunidade local. Os planos devem enaltecer o desenvolvimento do bem-estar para toda a comunidade. Sistemas locais como escolas, igrejas, agências e organizações, devem trabalhar juntos e apoiar um ao outro.

Equipes de gestão em desastres são responsáveis em facilitar os planos de preparação durante as horas de emergência. O papel da equipe de gestão em desastre é assistir aos membros da comunidade em:

- proteger a si e aos seus pertences em futuros desastres;
- adquirir conhecimento e aptidões para ajudar a mitigar as consequências dos desastres;
- proteger e salvar sua comunidade de danos adicionais; e iniciar o processo de
- recuperação e criar uma (nova) normalidade o mais cedo possível

A fim de se preparar antes de um desastre, é importante saber como os indivíduos irão reagir física e psicologicamente. Vários fatores determinam o grau e o tipo de impacto que um desastre pode ter nos indivíduos e coletivamente na comunidade. Estes incluem

- experiência anterior com um outro desastre ou um desastre similar;
- fé em uma força maior ou causa política;
- entendimento individual do evento;
- a força física, mental e emocional do indivíduo;
- o grau, a duração e a intensidade do evento; e
- o volume de perigo e ameaça em relação ao evento.



k. A vida espiritual em desastres

Quando acontece um desastre, os milhares de fios que juntos compõem o tecido de nossa comunidade e a tapeçaria de nossa cultura se encontram em risco. Nem tudo está em pedaços, mas ficarão rasgos no tecido. Tendo como base que o tecido é a vida espiritual da comunidade: as práticas, crenças e rituais que dão sentido à vida e apoiam todas as conexões. Pessoas reagem de formas muito diferentes ao desastre, mesmo em suas vidas espirituais. Algumas se sentirão esmagadas pelos eventos e terão reações traumáticas de estresse – alguns dos quais terão sua vida espiritual afetada. Outras, de uma forma inesperada, podem se dinamizar. Para algumas organizações que procuram encorajar o bem-estar psicossocial, a atenção à vida espiritual é essencial. Sem contar com as crises espirituais que as pessoas podem passar, rotinas são interrompidas, impedindo que possam praticar suas disciplinas religiosas normais. Algumas podem sentir que suas crenças lhes falharam e que houve equívocos quanto ao entendimento. Estas crises de fé e interrupções na prática espiritual podem ter efeitos tão agudos quanto o próprio desastre. É importante que as pessoas tenham a oportunidade de retomar a prática de sua própria fé ou disciplina. A evangelização e a profetização durante uma emergência é inapropriado e não podem ser permitidas.

Nós assinamos o Código de Conduta Internacional, que ordena que a assistência humanitária seja fornecida incondicionalmente e sem nenhuma intenção de influenciar as afiliações religiosas das pessoas.

As práticas de fé da comunidade devem ser tratadas com respeito pelos agentes humanitários. Não será permitido referir-se a líderes religiosos ou a rituais usando gírias/calões ou termos depreciativos. Como convidados na casa de fé de outros, é importante mostrar interesse e apreciação.

A assistência espiritual pode ser qualquer serviço ou ato que ajude um indivíduo, família ou comunidade a ter uma perspectiva espiritual como fonte de força e cura. Em um desastre, qualquer coisa que alimente o espírito humano em lidar com a crise é assistência espiritual. Líderes de fé da comunidade são normalmente mais capazes de oferecer assistência em horas difíceis. Assistência espiritual após uma emergência pode ser bem diferente do que em tempos normais. Líderes de fé também podem ser duramente atingidos pelo desastre e precisam de apoio e assistência tanto quanto seus seguidores e deve-se oferecer serviços de apoio, mesmo que digam que estão se sentindo bem.

Em algumas culturas, assuntos espirituais impregnam virtualmente cada área da vida. Em determinadas comunidades islâmicas por exemplo, existe um requisito de que os homens e mulheres têm que se manter separados e que as mulheres usem vestimentas simples, tais como a burca. Além disso, a água não é somente importante para se beber mas também para banho (ritual de purificação) antes do culto. De um ponto de vista estritamente utilitário, isto pode parecer pouco prático, mas para a vida espiritual de um muçulmano, tais procedimentos são extremamente importantes e não devem ser desconsiderados. Deste modo, a assistência espiritual pode ser uma tarefa prática como assegurar que exista água disponível para rituais religiosos – uma forma de ajuda que pode ser mais bem-vinda do que prover a assistência pastoral tradicional. Mesmo com o apoio da liderança da fé local, há horas em que a necessidade de consolo direto a um sobrevivente não é só apropriada, mas inevitável. A chave nestas circunstâncias é demonstrar respeito.

Assistência espiritual não é terapia. No modelo terapêutico, o paciente tem uma doença. Aqueles que experimentam estresse espiritual após um desastre não estão doentes; passam por uma experiência devastadora que naturalmente desafia sua espiritualidade. A meta é prover apoio ao sobrevivente que permita o restabelecimento de seu próprio bem-estar espiritual mantendo-o em sua cultura.



I. Assistência á equipe

violências, guerra, fome, desastres naturais, epidemias e/ou torturas em refugiados e pessoas deslocadas internamente. Uma atenção menor tem sido dada em possíveis dificuldades psicológicas pelos agentes de auxílio, que na verdade podem ter as mesmas reações a eventos traumáticos como as pessoas que estão tentando ajudar. Assim como os demais sobreviventes, os agentes humanitários se protegem de várias formas e têm reações individuais. No entanto, membros da equipe normalmente estão melhor preparados para fazer frente aos eventos traumáticos do que populações afetadas. Isto é, com base em seu treinamento e experiência, eles têm a capacidade de analisar a situação e lidar com ela de uma forma que faça sentido.

A assistência à equipe não trata apenas a saúde física e mental e o seu bem-estar. Ela se estende aos níveis de gestão e aos sistemas que as organizações mantêm no local para administrar as pressões colocadas na equipe – tanto aquelas inerentes ao desastre, como as impostas pela organização. A eficácia e a reputação de qualquer organização dependem de como são tratados seus bens mais

preciosos; os membros da equipe, estagiários e voluntários.

Na pressa de providenciar auxílio humanitário em uma emergência grave, pode parecer uma luxúria focar no bem-estar psicológico da equipe. Mas se as necessidades da equipe não forem atendidas, sua eficácia em fornecer assistência humanitária pode sofrer. Todos que testemunharam ou que responderam a uma emergência estarão sujeitos ao estresse, mesmo que alguns agentes de auxílio mantenham uma atitude de indiferença. A equipe não deve se sentir culpada se às vezes não for capaz de manejar o estresse de seu trabalho.

Frequentemente os problemas que levam uma equipe ao estresse e finalmente à estafa, surgem de múltiplos fatores. Os estressores a se observar são:

- Trabalho fisicamente exaustivo (longos turnos de trabalho, alimentação irregular e consumo de bebidas);
- Fatores na organização (falha de coordenação no trabalho com outras organizações, nova liderança, antagonismo entre pessoal experiente e inexperiente ou entre profissões diferentes)

Proporcionar pausas à equipe com recreações na verdade aumentam a produtividade. A equipe com tempo adequado para descansar e se recuperar tem um senso positivo de bem-estar e é mais produtiva e eficiente no trabalho. A cultura da boa liderança através da apreciação e reconhecimento leva a uma equipe mais feliz e com melhores resultados.

Os estressores pessoais relacionados ao trabalho realizado em meio a uma cultura ou comunidade diferente ou desconhecida são, entre outros:

- Perda das rotinas, rede social e relacionamentos;
- Novos hábitos, costumes e culturas;
- Testemunhar a pobreza e tratamento injusto a pessoas sem ter como intervir;
- Questões éticas; ter alimento e segurança enquanto outros não tem;
- Pressão no grupo e relações difíceis com colegas de trabalho e líderes (papéis estressores);
- Normas e hábitos na equipe que colidam com valores e convicções pessoais;
- Obstáculos na organização, relações com as ONGs, agências da ONU ou governos;
- Problemas com burocracia, política ou corrupção.

Sempre haverá mais para fazer do que somos capazes. Somos chamados para ajudar e servir aos que estão em desespero. Mas não somos chamados para fazer tudo e ser tudo para todos. Temos limites e o que você achou que era possível há cinco anos atrás, talvez não seja possível agora. Os níveis de energia irão mudar enquanto você envelhece e nos diferentes contextos, então, é importante conhecer seus próprios limites. A assistência da equipe começa com você e o seu próprio equilíbrio entre a vida e o trabalho. Os agentes de auxílio são tão vulneráveis aos eventos traumáticos como qualquer outro. Descanso suficiente e tempo de recuperação também devem ser incorporados em qualquer contrato do agente de auxílio, inclusive o direito a consultas médicas, aconselhamento ou outro profissional da área em seu retorno. Negligenciar assistência a nossa equipe não é aceitável e é nocivo até para as próprias populações a quem estamos tentando ajudar. Os pontos acima podem ser usados como base para uma discussão em equipe antes de se chegar ao local do desastre. De forma mais ampla, triagem extensiva, treinamento, apoio e prestação de informações devem ser providenciados a todo o pessoal humanitário em campo.

10. Leitura e recursos adicionais

Diretrizes da IASC em Saúde Mental e apoio Psicossocial em ambientes de Emergência

A Comissão permanente Interagências (IASC) emite estas Diretrizes, de forma a auxiliar atores humanitários a planejar, estabelecer e coordenar um conjunto de respostas multissetoriais para proteger e melhorar a saúde mental e o bem-estar social das pessoas em meio a uma emergência. As populações afetadas pelas emergências frequentemente passam por um enorme sofrimento. Atores humanitários são extremamente ativos na proteção e melhoria da saúde mental e do bem-estar psicossocial durante e após as emergências. As Diretrizes oferecem sugestões de como facilitar uma abordagem integrada para atender a saúde mental e questões psicossociais mais urgentes nas situações de emergência.

http://www.who.int/mental_health/emergencies/guidelines_iasc_mental_health_psychosocial_june_2007.pdf

A Saúde Mental & a Rede Psicossocial

A Rede MHPSS (SMAP) é uma plataforma de crescimento global que visa conectar pessoas, redes e organizações, partilhar recursos e construir conhecimentos relacionados à saúde mental e apoio psicossocial, tanto em ambientes de emergência como em situações de adversidade. O alvo é construir uma boa prática no apoio às pessoas afetadas por eventos ou circunstâncias difíceis. A adesão é livre e aberta a um grande número de pessoas engajadas em saúde mental e apoio psicossocial. A plataforma online permite que os membros compartilhem recursos, integrem grupos e interajam com outros, de acordo com seus trabalhos e interesses. Reconhecendo que a tecnologia sozinha não é sempre suficiente para permitir trocas ou o crescimento de práticas na comunidade, a rede tem uma equipe de anfitriões globais que dão suporte aos membros no uso do site, fazendo conexões através da rede. O Grupo Supervisor, que é representativo da diversidade do vasto campo da MHPSS (SMAP), é responsável pelo gerenciamento da Rede, sustentando suas visões e valores.

www.mhpss.net

Apoio Psicossocial de Base Comunitária em Emergências (pela Aliança ACT)

A Aliança ACT é composta por mais de 125 organizações membros, que atuam na área de desenvolvimento a longo prazo, auxílio humanitário e em redes de promoção e defesa dos direitos. Seus membros trabalham em 140 países e empregam em torno de 30 mil pessoas, entre funcionários e voluntários. A Aliança é apoiada por uma Secretaria internacional com sede em Genebra, Suíça.

A página da web sobre Apoio Psicossocial de Base Comunitária oferece um manual online que tem por objetivo apoiar profissionais humanitários no trabalho em áreas de emergência. Ele é destinado a agentes de auxílio experientes tendo em foco o apoio psicossocial, assim como o pessoal envolvido na prestação de ajuda humanitária. O manual incide sobre assuntos relevantes nos principais campos humanitários incluindo os direitos humanos, proteção, assistência médica primária/geral, educação, garantia de alimentos, nutrição, abrigo, gestão dos campos, desenvolvimento comunitário e materiais informativos, educativos e de comunicação referentes à água, saneamento e higiene (ASH).

<http://psychosocial.actalliance.org/>

Princípios Orientadores da ACT,GTP (Grupo de Trabalho Psicossocial) e APBC (Apoio Psicossocial de Base Comunitária)

Os membros da Aliança ACT reconhecem sua responsabilidade em proteger as populações afetadas e fortalecer as capacidades locais. Uma prioridade fundamental em emergências é proteger e melhorar a saúde mental e o bem-estar psicossocial das pessoas, reconhecendo suas capacidades de recuperação e resiliência. Os princípios orientadores desenvolvidos pela ACT (veja mais informações no Capítulo 8) defendem o padrão de qualidade do trabalho psicossocial e representam as melhores práticas nesta área.

http://www.actalliance.org/resources/policies-and-guidelines/psychosocial/FINAL_ACT_CBPSGuidingPrinciples_apprDec2011.pdf/view

Código de Conduta do CICV & ONGs

O Código de Conduta do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, do Vermelho Crescente e ONGs no Alívio ao Desastre foi desenvolvido e acordado por oito das maiores agências do mundo em resposta ao desastre no verão de 1994.

A adoção do Código de Conduta é voluntária, assim como a maioria dos códigos profissionais. Ele define 10 princípios, aos quais os atores humanitários devem aderir em sua resposta ao desastre e prossegue descrevendo as relações que agências trabalhando em desastres devem ter com governos doadores ou anfitriões e com o sistema da ONU.

O Código é autorregulador. Ainda não existem ONGs internacionais associadas à resposta a emergências que possuam qualquer autoridade para sancionar membros. O Código de Conduta continua a ser usado pela Federação Internacional para monitorar seus próprios padrões de prestação de ajuda humanitária e para encorajar outras agências a terem padrões similares.

<http://www.ifrc.org/en/publications-and-reports/code-of-conduct/>



Guia sobre apoio psicossocial de base comunitária

150 route de Ferney,
P.O. Box 2100,
1211 Geneva 2,
Switzerland

www.actalliance.org

Este material apoia a publicação da Comissão Permanente Interagências sobre Saúde Mental e Apoio Psicossocial em Emergências (IASC) (www.humanitarianinfo.org/iasc), enfatizando uma ação coordenada para a melhoria da saúde mental e do bem-estar psicossocial em emergências.